



A psicanálise do fim do mundo

(e a política do sintoma)♦

V

O fim da escrita

Sumário

Post-scriptum	2
Bodenlos.....	3
Das galinhas e dos macacos: a primariedade da leitura	4
Ler e interpretar	5
A escrita linear	6
Ler sem critérios: adivinhar	7
Táxi e CD, Uber e Spotfy.....	8
A leitura por presságios: transcodificar	9
O jardim da infância e a caixa preta	11
A Sibéria e o ocidentado	12
Discussão	13

♦ Este texto reproduz o encontro do seminário do ICP-RJ “A psicanálise do fim do mundo” ocorrido em 22/06/16, transcrição Cida Malveira, revista pelo autor.

Bem-vindos,

Algum comentário inicial sobre nosso mundo AMP e nosso mundo Brasil? A rede Zadig está se organizando, quem não souber o que ela é pede socorro. Todos já inscritos em Veredas? Em Veredas podemos ler *Lacan Cotidiano*, entre outras coisas, em que figuram todos os últimos textos sobre o que ocorre na AMP. Vamos discutir no Rio o tema: “O Direito à fala: a Psicanálise e o Estado de Direito”, em São Paulo será um encontro nacional sobre o tema da corrupção, sempre na ideia de uma rede múltipla, articulada e discutida.

No plano desse seminário, fizemos um recenseamento de temas envolvendo “Política e Psicanálise” por um lado, e de textos em torno do “Fim do Mundo”, por outro, ou mais propriamente do fim do mundo com relação à escrita. Chegamos a uma definição precária de fim do mundo, a ideia de que para a gente ele seria a passagem a outro modo de escrever e ler. Com o testemunho de Oscar Ventura, destaquei a ideia de que o que Lacan chama de *fantasia* pode ser tomado como um modo de base de ler e escrever nossa origem, de apreender aquilo que em nós insiste em se dizer sem nunca se dizer integralmente. O fim do mundo, tal como em uma análise, é a passagem a outra maneira de lidar com isso, passando a outro regime de leitura e escrita de si.

Renata: quando J. A. Miller escreve sobre “Campo Freudiano, ano zero”, tem um momento em que ele diz “tudo recomeça sem ser destruído para ser elevado a um nível superior”, fiquei me perguntando o que era esse nível superior e de onde poderia fazer um paralelo disso que você está chamando de “fim de mundo”.

Acho que Miller está copiando a gente, ele deve ter um informante (risos). A expressão dele lembra muito a *Aufhebung*, que é suspensão também, mas é sempre na base de uma relação de contrários, aqui acho que não é bem isso, veremos.

Post-scriptum

Assumimos que o fim do mundo para nós só pode ser o de uma pós escrita, a passagem para outro regime de leitura-escrita que não o da fantasia. É o que costumamos chamar de regime de leitura-escrita do *sinthoma*.¹

Quero fazer essa ideia dialogar com autores fora da psicanálise. A hipótese é a de alguns estão também falando desse tipo de fim-do-mundo, que não é o do tema tão conhecido do ocaso da representação clássica, do fim da autoridade patriarcal, do fim do romance, das grandes narrativas. Não se trata do pós-canção, pós-romance, pós-humano, de que tantos falam, mas do pós-escrita.

De nossa bibliografia destaquei Catherine Malabou, em que é muito clara a ideia de um crepúsculo da escrita, tal como a entendemos.² Ela parte do tema do traço, tema forte em Derrida, o crepúsculo da escrita é o da escrita-traço e traz a hipótese da passagem a um outro regime que denomina *plasticidade*, se apoiando na plasticidade neuronal, metáfora embasada nas neurociências, para promover esse novo modo de escrita.

Lembro a vocês que no ensino de Lacan há outros modos de assinalar essa passagem, não apenas da leitura da fantasia à leitura do sinthoma, mas também, da neurose à psicose, do gozo fálico ao Outro gozo, do modo de escrita ocidental ao oriental. Cada uma destas oposições e passagens tem seu valor e especificidade e cada uma delas pode nos ajudar a pensar a tensão entre a condição moderna e outra, dita pós-moderna.

Escolhi a passagem da fantasia ao *sinthoma* porque ela é uma das que menos favorece uma oposição simples, um corte entre dois mundos distintos e relativamente independentes. Na clínica de hoje muitos imaginam esse corte. Como se os analisantes fossem de dois tipos, os modernos e os pós-modernos, os “da fantasia” e os “sem fantasia”. Muita gente faz: de um lado as pessoas do Nome-do-pai e do outro os psicóticos, os sujeitos de antigamente e os de hoje.

Melhor pensar em termos de passagem de um regime a outro como uma mudança de ênfase mais do que em oposições simples, isso nos ajuda a afastar o moralismo horroroso que associa o pós-moderno à déficit de abstração, de Nome-do-pai, de simbólico etc. Ainda mais porque no Brasil corremos o risco de fazer a divisão entre os favelados e os da zona sul. O favelado teria precariedade simbólica? Uma coisa horrorosa essa ideia. Por isso gosto do Lacan que fala nos os *ocidentados* e nos orientais, como em “Lituraterra”. Não dá para dizer que são exatamente dois mundos, mas si que há em algum lugar modos de vida que não são os da inteligência neurótica, o das formas rituais sem sentido dos orientais, ou do gênio antipático de Joyce.

Participantes: esses são os rasos, os terranos?

Exato. Um modo de delimitar o que Bruno Latour entende por terranos seria o de dizer que há um modo de se ler ou de estar no Outro que não é humano, que não tem um vazio estruturante em seu centro, mas que é espalhado, constelado e que Lacan chamou às vezes de “condição oriental”. Como estamos fazendo analogias!

Bodenlos

Apesar do interesse de C. Malabou, ficaremos com Vilém Flusser.³ Ele é muito pé no chão, mas ao mesmo tempo vai longe. Não cita, vamos ter que encontrar as referências nas entrelinhas, mas ao mesmo tempo isso deixa o texto leve. Não sei o que vocês acharam, mas encontro nele uma ironia deliciosa, ele é meio grosso também, mas acho muito interessante.

Antes de entrar no texto, um pouco de contexto. Se vocês quiserem conhecer um pouco do personagem, leiam *Bodenlos: Autobiografia Filosófica*⁴. “Bodenlos”, em alemão quer dizer “sem chão”. É um termo muito conhecido, familiar à literatura da diáspora judia e para o qual Hanna Arendt deu todo um destino.¹ Ele é traduzido comumente por *desenraizamento*, tradução problema, para a gente pelo menos, porque fica parecendo que você perdeu a raiz que tinha, a ênfase é do déficit, na perda. Melhor é “sem chão”. Certo, sem-chão também perdeu o chão, mas pode acontecer a todo momento dele voltar, o que não o caso com as raízes. A ênfase vai mais para o estado do “sem” (andar sem chão) do que na causa dele (a raiz em falta).

Renata: numa conversa que a gente teve sobre aquele texto da Lucíola, ela usou “enraizado”, mas você tinha falado em “desgarrado”.

Desgarrado, boa. Gostei da minha proposta (risos).

Flusser é um desenraizado, desgarrado, *sem-chão*. Fugiu aos dezenove vinte anos de Praga durante a Segunda Guerra, deixando para trás toda a família, que morreu nos campos. Deixou tudo e depois de uma passagem pela Inglaterra veio para o Brasil em 1941. Seu livro

¹ ARENDT, H. Origens do totalitarismo. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

é o testemunho de um sobrevivente, mas ao contrário de outros, não de um sobrevivente do campo de concentração, que tenta pôr em palavras o horror. Ele é um sobrevivente do horror de seu próprio ato de fuga. Sua fala maior é “como posso viver tendo fugido?”. Sem drama, apenas uma constatação absoluta: “minha vida acabou, não tenho mais chão, e a partir disso, se não me suicido, minha vida tem que ter algum valor”.

Esse caráter *bodenlos* lhe dá um estilo desabuzado, não tem contas a prestar a ninguém. Talvez por isso tenha tido laços com muita gente boa, o livro traz as conversas dele com Guimarães Rosa, Haroldo de Campos, Mira Schendel entre outros, em todas ele tem uma precisão, respeito sem reverência, ironia crítica carinhosa que só a extimidade de sua condição *Bodenlos* assumida lhe dá.

Depois se cansou do Brasil, a infinitude das paisagens, por exemplo, o aborrecia. Para ele, qualquer vale suíço tinha mais histórias para contar, com seus picos altos e rios, fundo de vale, escarpas, vegetação, enquanto que no Brasil quilômetros de floresta amazônica lhe pareciam repetitivas, ou quilômetros e quilômetros de morros verdes ou de planaltos, sempre enorme e meio enjoativo, isso só para falar da paisagem, porque a grande decepção foi a dificuldade de acreditar que o Brasil seria um lugar de gestação de um homem novo, não mais europeu, como pensava por exemplo Stephan Zweig. Então foi embora, deixa o Brasil em 1972, para a França. Nos anos 90, retorna à sua cidade natal 50 anos depois e após conferências e a redação, no hotel, de um último texto relatando a experiência do retorno, voltando de carro, sua mulher dirigindo, morre em um acidente, em 1991.

Ele tem sido muito retomado como tendo sido capaz de descrever e antever as mudanças em nossas vidas da grande revolução digital e mais uma vez acredito que seu caráter *bodenlos*, feito desse distanciamento íntimo, que Freud chamou de *Unheimlich* e Lacan *extimidade*, lhe permitiu essa leitura de uma época que começava antes mesmo dela se implantar de fato.

Vou tentar apresentar a vocês minha leitura, passo-a-passo de algumas de suas teses maiores em “Há futuro para a escrita?” (me baseio no primeiro e no último capítulo do livro), fazer analogias com a nossa tese e ainda pensar o futuro da humanidade, tudo isso em meia-hora.

Das galinhas e dos macacos: a primariedade da leitura

Tudo começa com a tese da *primariedade da leitura*. Para ele, primeiro a gente lê depois escreve, ele pensa isso bem *lato sensu*, “ler é eleger”, é escolher, selecionar.

Se é assim, a gente seleciona, lê, *antes* de escrever e não depois como pensa o senso comum.

Com esse ponto de partida, ele vai bem longe, lá atrás, com as galinhas. A galinha escolhe o milho ao invés de uma pedrinha. Ela tem um critério, faz uma leitura crítica do solo para escolher o que quer. Para Flusser, isso é leitura. E todo mundo faz, até a galinha.

Ele aproveita, inclusive, para derrubar algumas idealizações (ele adora fazer isso), com relação à inteligência. Se a leitura e escolha a partir de um critério é inteligência, então a galinha é inteligente exatamente como os intelectuais. Se nossos intelectuais acham que ler desenvolve o senso crítico estão enganados, porque o senso crítico vem antes da leitura, ou melhor, ele é a leitura.

A seguir, só em um segundo tempo, ele insere a escrita. Para isso ele usa os macacos (das galinhas aos macacos, ele é cheio de imagens). A escrita começa quando um macaco que lia um companheiro para tirar seus piolhos, ou seja um macaco que elege alguns piolhos, em vez de comê-los como de hábito, por alguma razão insondável, se encanta com colocá-los no chão, dispondo-os no solo de maneira a fazer uma linha, um desenho, seja o que for. Essa marcação assinala seu achado e especialmente o que houve.

Participante: escrever seria dispor em linhas.

O homem começou a escrever quando o macaco parou de pegar o piolho e comer.

É uma ficção, “a escrita surge quando esse critério de escolha vai aos pouquinhos, ao invés de devorar o que você escolheu, se frustra, com relação ao que você queria. E que você disponha isso para contar a história do que você fez, e aí você tem a escrita”.

Atenção, estamos falando de uma escrita linear, que não precisa ser da esquerda para a direita, mas que segue um caminho que é necessariamente um piolho após o outro, assim como o intervalo entre eles. Esse é o primeiro regime de leitura-escrita.

E a psicanálise com isso? A gente pensa numa análise que está buscando o que está escrito na gente, queremos ler o que está lá, como se essa escrita viesse antes. Então, para começar a tese de Flusser parece contrária a uma das premissas fundamentais da psicanálise.

Ler e interpretar

Vamos imaginar uma mãe que lê seu filho, como as galinhas, por exemplo aquela em mãe que dá banho criteriosamente, ou que, mais tarde, espreme espinhas do filho adolescente. Ela faz uma leitura criteriosa. A manipulação da criança é sua leitura, ela põe em ação critérios, valores. Sua escolha é não apenas um valor em ação, mas incide sobre a criança como a atribuição de um valor ao que é escolhido e rejeitado ou elogiado. Nos termos de Flusser, “toda leitura então, envolve nesse sentido, uma *interpretação*, no sentido de dar um preço, *pretium*”.

Quando digo que a mãe lê seu filho, num sentido geral ela interpreta o seu filho e quando ela dá valor a essas coisas e ela não engole, essas coisas, ela marca, carrega de libido, escreve. Então a leitura geral da mãe pelo filho é também uma marcação, uma operação de escrita. Se a mãe engole isso que escolhe do filho, não escreve, seria uma outra maneira de falar da mãe suficientemente boa de Winnicott, ela não engole, escreve. A relação mãe-filho abordada a partir de Flusser indica que ela, fazendo uma leitura crítica e não devorando o que triou, está escrevendo.

Agora podemos articular Flusser e Freud. Quando vamos para a análise, a gente quer buscar essa escrita, queremos ler aquilo que a leitura da mãe escreveu.

Quem vai para a análise não é a mãe, mas o filho. Em análise somos todos filhos, é o que fez Lacan dizer que nunca se analisa um pai. A gente acredita que nossos pais, o Outro, escreveu em mim muita coisa. Algumas conheço, outras quero descobrir. Alguma coisa do que se escreveu está inconsciente para mim, mas quero buscar sua leitura, quero ler a escrita dessa mãe para saber o que ela escolheu e porque, quero buscar seus valores, seus critérios. Em outros termos quero encontrar a chave do desejo do Outro que me constituiu, que escreveu meu livro.

Então, se a invenção freudiana supõe que primeiro há uma escrita, com Flusser podemos dizer que antes de ser uma escrita ela foi uma leitura.

Participante: mas, já estava lá! No momento que ela escreveu. Busca-se alguma coisa que já estava lá.

Vicente: poderia ser a inscrição do recalque primário?

Acho que sim.

A articulação Freud-Flusser, destaca um ponto importante. Se nenhuma leitura é uma leitura passiva, a leitura empreendida em análise também não. Ela sempre é interpretação, separar o joio do trigo fazer escolhas.

Participante: mas também tem escrita que eu vou fazer, mas não é exatamente o que estava lá. Vou eleger.

No final vou acabar elegendo também, vou acabar fazendo um monte de escrita.

Participante: a gente não vai chegar num “já estava lá”.

O que descobre o analisante às tantas é que buscando a escrita primeira, do desejo do Outro, ele encontra uma multidão de marcas e vai ter que ler, triar, escolher. Terá que produzir sua leitura.

Nossa interpretação é justamente dar preço e valor ao papel de uma fala inconsciente que fura, que traz o vazio, o corte. Fazemos isso de duas maneiras básicas, como já vimos com os haicais, pelo corte e pela ambiguidade, pelo sujeito ou pelo objeto. O específico da interpretação analítica é que ela promove, em vez de uma coisa em detrimento de outra, o ponto cego, ou ainda, o sujeito do inconsciente como uma fala mais marcada pela verdade como furo que a da consciência.

A escrita linear

Flusser chama todo esse sistema de leitura-escrita como o da escrita linear e histórica, já que ela supõe um encaadeamento sucessivo de piolhos no chão. Essa série de sinais vai traduzir o acontecimento que teria sido o catamento de piolhos por exemplo, mas ela ganha independência e vai também contar qualquer outra coisa, sendo um acontecimento em si. Aí, é exatamente porque se separa do acontecimento inicial que ela tem sua força e especificidade. É a passagem do pilho ao sinal gráfico, sem sentido em si que dá a escrita uma primariedade, outra, sobre a leitura. Ele diz, “a escrita funda o sentimento histórico”.

Estou fazendo uma analogia entre esse sistema de leitura e escrita com a fantasia e com o trabalho com ela. Não é imediata essa associação porque Lacan falou da fantasia como uma fórmula, uma estrutura, não linear, mas pensem que quem está na estrutura, só a percorre uma passo após outro, uma cena após a outra, uma palavra após a outra.

A leitura-escrita linear do Flusser, seria equivalente à leitura-escrita na lida com a realidade psíquica da gente (outro nome para a fantasia fundamental de Lacan). Esse tipo segue a sequência “quero ler uma escrita oculta que diga de uma leitura primordial do Outro sobre mim” como vimos. A busca da chave para o enigma do desejo do Outro é o que acredita que o absurdo da vida teria um ponto original exatamente o que sustenta o sentimento histórico de um começo-meio-fim. Num sentido mais simples é como se eu supusesse que os critérios que me orientam em minha leitura do absurdo da vida parecem vir de uma

valoração original, que estavam nos meus pais, quero, então, entender essa valoração para me entender.

Flusser propõe a seguir uma novidade neste regime de escrita e leitura. Não é a que vamos aproximar da leitura do *sinthoma*, que ele chamará de *transcodificação*, mas abre caminho para ela. Ele chama essa mudança no regime de leitura e escrita linear de leitura por *adivinhação*.

Ler sem critérios: *adivinhar*

Imaginem então, que nesse esquema linear, histórico, ocidental, surge uma novidade, a ideia de que não é preciso um critério prévio, seria como se uma galinha apenas amontoasse tudo o que encontrasse. Depois de feito um monte, somente a seguir, parâmetros poderiam ser aplicados a ele levando a leituras as mais diversas. Por exemplo, “todos os de mais de 5 gramas são grandes e todos os de menos são pequenos”. Não é um valor, a princípio, é um parâmetro de leitura definido a posteriori e muitos outros podem ser aplicado sem que isso mude o monte. Variando os tipos de atribuição de parâmetro vemos como reage o monte.

Uma leitura sem crítica a princípio, sem discriminação, Flusser chama de adivinhação de enigmas, que é no sentido de amontoar, sem pensar e depois se aplica um critério.

É seu modo de indicar a novidade que foi a ciência moderna que em vez de interagir com o mundo a partir de valores e princípios abre a possibilidade de infinitas leituras com base no mesmo universo. Esse modo de situar a ciência moderna é compatível com o que baseia Lacan, o da ciência como matematização do universo tal como define Alexandre Koyré? Acho que sim.⁵ Não é o que faz, por exemplo, a Psicologia Experimental? Junta um grande número de informações com entrevistas abertas ou mesmo questionários e depois que tem os dados, vai aplicar parâmetros então, dados que não dizem nada passam a falar uma série de coisas sobre aquela população.

Participante: podemos pensar a interpretação por aí? No sentido de que “o mundo é”, anunciar um sentido escondido. A interpretação seria você quase emprestar por um ato de interpretação para o cara poder escolher depois, não com o critério de antes, escolher depois de fazer com o que ele acabou de falar.

Há uma semelhança e uma diferença entre esse tipo de leitura e a psicanalítica. Uma análise começa querendo saber do ponto cego do desejo do Outro, mas vai acabar chegando numa situação em que há um amontoado de fregmentos de memória sem que se encontre o tal critério buscado. Nesse sentido nossa vida é um amontoado sem critério, como é o mundo para a ciência, mas não vamos em análise ficar estabelecendo parâmetros para ver no que dá ou o que é possível fazer até encontrar um que sirva. Não. Vamos procurar o modo como esse amontoado é um recorte que pode se abrir ao que não inclui.

Voltemos ao Flusser. A questão para ele é outra. Se você está no regime do “nada tem valor”, se você eliminou os valores prévios, se você vai fazendo amontoados e pode jogar o critério que quiser até que se chegue a um resultado que convenha, chega uma hora que é melhor deixar uma máquina fazer as testagens, ela é mais rápida para cálculos e variáveis sem sentido e não é em nada influenciadas por valores prévios, valores morais, por exemplo, como nós.

Táxi e CD, Uber e Spotfy

Parece abstrato, mas não é. Nossas vidas estão cada vez mais pautadas por este tipo de funcionamento. Pensei no Uber. O sujeito está ali dirigindo, um algoritmo, uma máquina calcula seguindo o parâmetro “o mais perto do cliente pega a corrida” e quando ele tiver a tantos metros do freguês, a corridas vai pipocar no celular dele. Quem introduz os parâmetros? Um programador, mas basta um parâmetro bem geeral como esse para que a programação começar a rodar quase sozinha e um mundo de gente comoeça a se deslocar sem nenhum critério de valor sobre por exemplo o motorista

Vocês dirão que há uma avaliação, sim, mas ela também é apenas um outro programa que diz quem teve nota melhor, quem disse que as notas são valores? São apenas outros parâmetro “todos tem que dar uma nota de um a cinco.

A posição do Flusser é lembrar que é mais fácil, para que todo esse mundo funcione que as pessoas apenas aceitem o que a máquina lê, elege, como motorista certo, caminho melhor etc. Não é preciso mais ler, no sentido de eleger seu taxista, basta seguir.

O regime de leitura-escrita do Uber não seria o mesmo de um táxi convencional, no convencional você quer um táxi, escolhe o destino e paga no final. Precisa ler, saber alguma coisa, escolher. No Uber não, só vai dizer para onde se quer ir.

É nesse ponto que Flusser postula o fim da escrita, da escrita linear, a das galinhas e dos macacos. Se não é mais preciso escolher, para que escrever?

É melhor deixar para a Inteligência Artificial, como ele chamava, fazer isso, estamos próximos demais da galinha, os computadores fazem melhor essa leitura por aplicação de parâmetros indiscriminadamente até dar certo.

Há um desenvolvimento mais complexo que vou só indicar. Se você começa a fazer leituras sem critério você começa a desrealizar as leituras lineares. Um chofer de táxi passa 30 anos na praça, ele sabe os caminhos, mas qual o valor disso quando o algoritmo vai fazer as várias leituras das várias opções e escolher melhor segundo o parâmetro da hora, a mais rápida por exemplo? O mesmo para a verdade, a delação premiada da Lava-Jato é isso, não importa a verdade o que importa é o resultado. Se a delação prender alguém, ganha-se um abono na pena, não importa a verdade, se o táxi chegou mais rápido, não importa se chegou da maneira mas agradável ou não você ficcionaliza o mundo ou, como diz Flusser, muito irônico, “só uma consequência incomoda: o mundo perde a realidade”.

Participante: mas ele vai dizer que mesmo no parâmetro há um critério escondido não é? Você está fazendo a mesma coisa disfarçadamente.

Esta parte eu pulei. Sim, há semelhança, mas o mais importante é a consequência de desrealização generalizada.

Participante: fingindo que não está atribuindo, mas está.

Sim, mas quando você ignora, reduz os grandes valores a parâmetros meio frios a coisa se alastra. Por exemplo, que valor nos resta em termos do patológico? É o que causa atentado a vida. Só restam “Vida” ou “morte” como parâmetros, tipo marco zero.

A discussão entre taxistas e uberistas é também a discussão entre a TV e o Netflix, ou ainda entre o CD e streaming music, o *Spotify*. É a mesma questão. O Spotify sugere, escolhe para você novas músicas para ouvir. Nele você escolhe, mas quase sempre dentre as sugestões. Entendam o lugar da máquina: Não é o grande pesadelo das histórias de ficção científica em que computadores-humanóide vão fazendo os serviços como se fosse a gente e um dia

se revoltam. Nada disso. As máquinas lêem melhor que a gente e somos nós mesmos, os usuários, que as alimentamos com nossas pequenas escolhas que vão fazer com que escolhamos a partir das escolhas dos outros. Essa é a ideia que começa a rodar sem valores. Estamos escolhendo, mas não mais como as galinhas.

Em outro “Filosofia da Caixa Preta⁶”, sobre a fotografia, maravilhoso, Flusser desenvolve essa ideia de que se alimenta a máquina com suas escolhas. Ela não precisa de você dizer o que ela tem que fazer, esse é um ponto de ruptura, é o ponto da inteligência artificial, não é que ela possa operar sem o homem, não é Matrix, não é que é uma raça que vai mandar em você, mas que ela não precisa de você para pensar que o que você quer ou o que você vai querer, o que tem que fazer. Ela só precisa que as usemos e usando-as façamos micro escolhas.

Escolhi dentro de uma grade que me foi oferecida. É uma escolha localizada, dentro do aparelho. Ao mesmo tempo que estou escolhendo, estou alimentando o aparelho. É maravilhoso.

Uma coisa é você pensar que alguém escolheu para você, outra é a sensação de que sua pequena escolha alimenta a máquina da tabulação das escolhas do mundo. O Outro em questão é muito diferente. O Outro do Spotify não é o Outro do CD, o Outro do Uber não é o do táxi. No táxi, posso imaginar que a prefeitura escolheu a cor amarela deles e reclamar, posso imaginar o desejo do prefeito ou sei lá de quem, no Uber não, é sempre uma maioria difusa que faz as escolhas.

Participante: a diferença entre esses Outros não seria a da disciplina e da biopolítica segundo Foucault.

Sim, na biopolítica você é dirigido por algo que vem quase de dentro do corpo, não é que o poder domina seu corpo “de fora”, isso é a sociedade disciplinar, a biopolítica é um ambiente em que você mesmo quer cortar o seu estômago para emagrecer, de onde vem esse poder? De toda parte.

Participante: comecei a usar Spotify faz muito tempo, aos poucos o aplicativo começa a entender quem eu sou. Fiquei pensando, se ele me conhece tão bem assim.

Ele não está entendendo quem você é, mas fazendo você ser. É uma interação, mas a relação é outra. Você passa a ser um elemento da máquina, é o que faz com que Gunter Anders fale de uma vagonha essencial na nossa relação com elas, somos sempre um pouco defasados, meio desajeitados em nossas escolhas e ações num mundo em que o ideal seria que fossemos preciso rápidos e plurais com elas.⁷

A leitura por presságios: *transcodificar*

Nossa política não é a do Outro do streaming, nem da biopolítica, a nossa, a do *sinthoma*, e o avesso da biopolítica segundo o título do livro de Laurent. Queremos que um elemento singular nos oriente sem que no entanto, ele possa ser entendido, explicado, no campo do sentido.

Por isso me interessa pelo terceiro modo de leitura segundo Flusser, que ele chama de transcodificar. Quero aproximar a transcodificação da escrita do *sinthoma* de Lacan, ou de seu céu constelado japonês ou ainda do nó-borromeano e de suas considerações sobre Joyce.

Vou ler a descrição.

A gente terá de aprender a escrever digitalmente, caso esse método ainda possa ser chamado de escrever. (...) Pode se dizer que teremos de aprender a transcodificar tudo. Toda a literatura, toda a biblioteca de nossa cultura em códigos digitais para poder alimentar as memórias artificiais e de lá acioná-las.(..) Vamos supor que toda a literatura mundial já esteja transcodificada, digitalmente armazenada em memórias artificiais (...). Vamos entender como isso é vertiginoso, se nos colocarmos no lugar do leitor do futuro, vamos supor que toda literatura mundial já está toda transcodificada digitalmente, armazenadas em memórias artificiais, e que sua forma alfabética original já tenha sido apagada, o leitor do futuro, senta-se diante da tela para acionar as informações armazenadas, não se trata mais de uma leitura, de escolha, de fragmentos de informação, ao longo de uma linha pré-escrita. Trata-se muito mais de uma associação ativa de ligações transversais entre os elementos de informações disponíveis. É o próprio leitor então que produz a informação (pp. 230-231).

A gente chama isso de navegar na Internet, está tudo lá, você monta como quiser, por mais que pensemos fazer uma pesquisa, uma escolha, na verdade você estará montando um mosaico, essa é uma nova maneira de ler.

Nessa produção de informação, o leitor dispõe de diversos métodos de associação, que lhe são sugeridos pela pesquisa [pelo *Google*, pela Inteligência Artificial nos termos de Flusser], mas ele também pode utilizar seus próprios critérios, no futuro, uma ciência específica, se ocupará dos critérios de acionamento, da cessão dos *bits* de informação”.

O exemplo de Flusser é o seguinte. Suponhamos que um leitor se interesse pela história da ciência, ele vai encontrar, Newton, Kant e Aristóteles no mesmo lugar, ele até vai saber quem veio primeiro, mas ele vai fazer a montagem sem que isso seja necessariamente determinante. Isso seria uma leitura não linear. É o que Flusser chama leitura por presságio.

Temos aí outro regime de leitura-escrita, é uma leitura de cruzamento de informações, à demanda do leitor, cria o saber, quase, o saber estava todo transcodificado, todo digitalizado, você monta a partir da sua ferramenta de busca ou uma ferramenta que a máquina te dá e nisso você acrescenta um pouco de você. O resultado final é um mosaico, que, como ele, diz, “projeta-se algum sentido, naquela hora, sob o absurdo do sem sentido.”

Participante: o que ele chama de consciência divertida.

Sim, o *Google* é o absurdo do sem sentido da vida, ao fazer uma pesquisa você sai com uma montagem de sentido em cima do absurdo do sem sentido, que é o *Google*.

Participante: é como a galinha!

Não. Você diz, “vou procurar no *Google* alguma coisa boa sobre Freud”, isso seria um critério, mas na hora da busca, você coloca, “Freud, coisa boa”, aí vem uma série de coisas boas para os últimos que pesquisaram isso A máquina propõe para você já uma pré-montagem e vc articula duas ou três. Isso não é galinha.

Se você começa fazer isso, a leitura linear vai perder o sentido. Todo o saber da humanidade já está lá, não é preciso sabê-lo, o que você tem que fazer é o cruzamento deste saber.

A sensação que se tem, não é que se encontrou uma verdade, tudo pode ser verdade, mas que sobre o absurdo da vida, você construiu um mosaico de sentido que te dá uma sensação de prazer, mas ele dura pouco, a consciência divertida de Flusser é você sair por aí construindo sentidos a cada vez diferentes para o sem sentido. Você construiu um saber

sobre coisa boa em Freud, mas você já sabe que o seu pode ser diferente do vizinho, porque as coisas sobre Freud são infinitas. Fica uma vida montando e remontando um sentido, sobre o fora do sentido.

O jardim da infância e a caixa preta

Qual o problema? Ele é meio triste por realizar o quanto o taxista de 30 anos de serviço vai perder valor. Ele que conhece todas as ruas da cidade, mas que seu saber não tem mais necessidade, não é tão funcional quanto o da máquina. Esse sujeito, nos anos noventa quando praticamente não havia a Internet já ateviu nosso mundo tão precisamente e o comparou a um imenso jardim de infância em que não é preciso saber o mundo, apenas saber operar as máquinas que intervêm sobre ele e com esse saber opertório se divertir:

teremos então que voltar ao Jardim da Infância, teremos que retornar aquele nível em que não tínhamos aprendido a ler e escrever, nesse jardim de infância aprenderemos com computadores plotadores, jogos infantis semelhante a Gadgets, é assim que vamos aprender. Teremos que utilizar aparelhos completamente sofisticado, computadores, frutos de um desenvolvimento espiritual de milhares de anos, porém com propósitos infantis (p. 237). (...) trata de uma degradação, aqui teremos que nos submeter, as crianças com quem partilharemos a sala, elas superam-nos na capacidade de manejar uma ferramenta tão sofisticada e tão burra, nós tentaremos dissimular essa inversão na hierarquia das gerações por meio de uma ginástica terrenológica, ao invés de nos denominarmos idiotas atrasados, quando ficarmos brincando de maneira tão desastrada, diremos que somos artista inovadores da ação gráfica, e servindo-nos do alfabeto, -escrita antiga - escreveremos comentários iludidos e patéticos, acerca das nossas brincadeiras, ninguém se deixará enganar por essa façanha. O que faremos quando sentarmos diante dos nossos nomes de computadores chics da época, será de tal forma primitivo que nem mesmo quando fizermos simpósios e oficinas teses e seminários, conseguiremos ludibriar alguém, acerca do, isso era apenas uma caricatura do pensamento linear.

Após retomar um pouco a história da escrita linear ele conclui “a cortina se abaixa sobre o palco no qual se passou o drama da cultura escrita”.

Finalmente, ele fala do Ensaio, dele:

Há pessoas que escrevem porque acreditam que ainda faz sentido escrever. E há pessoas que não escrevem mais, que voltam, ao contrário, para o Jardim de Infância. E há também aqueles que escrevem, apesar de saberem que não faz sentido. Esse ensaio, embora dirigido ao primeiro e ao segundo tipos de pessoas, é dedicado ao terceiro tipo (p. 244).

Lindo.⁸

Para concluir vamos nos perguntar sobre a psicanálise nisso tudo?

A psicanálise é um pouco japonesa, por um lado o paciente é linear, está buscando uma origem, esse é o funcionamento de uma análise pelo Sujeito Suposto Saber, já o analista não é bem linear, ele está pensando as coisas como concomitantes. Por isso Lacan destacou a estrutura, a leitura dita estrutural, por isso destacou o projeto, e postulou o inconsciente como uma rede de significantes no Seminário 11 por exemplo.

Nós pensamos o inconsciente como uma rede, uma rede de marcações, só que por um bom tempo, a gente pensa que essa rede é montada de uma maneira, ela tem uma ordenação, tem uma sucessão, mesmo a rede inconsciente, porque aconteceu tal coisa comigo, tem

coisa que tem mais importancia do que outras, tem coisas que são mais valoradas, tem cargas libidinais. Num tipo de pensamento mais radical talvez pudéssmos dizer que não tem ordenação prévia. A ordenação da rede prévia, Lacan chama de Nome do Pai. E uma rede desordenada, enxame, primeiramente aproxima com a psicose, mas ao longo de seu ensino, colocou neste lugar o Japão também.

A Sibéria e o ocidentado

A metáfora de Lacan, visual, para pensar o tipo de articulação leitura-escrita nesse tipo de regime “oriental”, do tipo “enxame” tal como o apresenta no *Seminário 20*, é o do célebre apólogo que introduz em “Lituraterra”, o da planície da Sibéria.

Imaginem a enorme planície siberiana toda branca vista do avião. Mas ali há um monte de tracinhos, sulcos invisíveis da água que escoar, a analogia é dizer que são o que o Outro escreveu em você. Normalmente pensamos que elas têm relação com o desejo do Outro e queremos encontrar a chave. Do ponto de vista que Lacan quer se colocar, radical, que ele diz da condição japonesa, oriental, ele imagina que elas não tem chave, nem hierarquia. Se eu chego num vale vou procurar o segredo da descoda das águas, a ordem de descida, os diferentes planos, o mistério do fundo do vale o sol na montanha etc. Aqui não é esta historia estruturada da passagem da água pelo vale. Lacan está propondo outro jeito de fazer, que o analista teria que pensar a leitura como o momento em que o sol bate e faz brilhar alguns traços e não outros e monta-se assim uma constelação mais ou menos fixa de traços que funcionam como um nó, um dispositivo de amarração que permite que a vida não seja tão absurda. Uma bricolagem.

Você pode fazer algum marco, com um nome, nomear. Aí você sustenta a ideia desses traços respondendo mais ou menos de maneira coligada, conjunta. Funciona como um coletivo.

Última coisa sobre isso. Lacan adverte que o japonês tem dois caminhos, um é esse, nomear, é o que Ernesto Laclau tenta fazer para passar essa teoria para a política, ele insiste em como um coletivo precisa de um nome para que dure o tempo que durar.

Podemos também encontrar esse tipo de nomeação nos relatos de passe. É o que chamamos de “nome de gozo”, ele não diz o que sou, mas sustenta um certo numero de marcas essenciais em um laço precário, o bastante para que eles funcionem como dispositivo de vida e não como história de vida. No meu caso *mordidavida* teve e tem esse efeito.

Mas Lacan traz outro lado do Japão. Um conjunto aleatório de marcas pode servir como dispositivo a partir das montagens da tradição, dos semblantes que a tradição oferece para que a vida funcione, mesmo sem sentido. São formas da tradição, rituais, maneiras de abaixar até o chão, de fazer arranjos de flores etc. Esses semblantes passam a ser muito fundamentais, porque se você não organizar com elas nada vai organizar, no máximo um nome de gozo.

Estamos niponizados, mas sem tradição. Então vamos nos agarrar na última versão para o real que tivermos até que a próxima chegue. Tem alguma coisa meio cínica nisso, mas também no final de análise, que Lacan chama de saldo cínico. Só que em uma análise sebesse que se não nos agarramos a essas marcas esvaziadas de sentido que compõem minha história ficamos sem nada na Sibéria.

Discussão

Participante: nas transcodificações não haveria ponto cego, as criptografias não são ponto cego?

Não haveria ponto cego nesse mundo, o Google não teria ponto cego, as criptografias são maneiras de se criar um espaço, por exemplo, tem uma comunidade que as pessoas vão. Criptografia você cria outro espaço, não há espaço que tenha ponto cego. “Você não tem o sentimento de que qualquer código pode ser desraqueado, qualquer código é quebrável, então não tem mais ponto cego, mesmo que alguém esteja fazendo um mundo secreto, você não pode acreditar que esse mundo seja secreto, uma hora alguém vai abrir as defesas, você não tem o sentimento de que tem alguma coisa que nunca vai chegar.

Participante: acho que ele escreveu isso um pouco antes do fim do mundo.

É fim de mundo ou não? Eu escolhi Flusser, porque ele não fala de fim de mundo no sentido apocalipse, ele fala da passagem para outro regime, agora, a Malabu também ela fala, “estamos no mundo da plasticidade”, a plasticidade dela é parecido com o que estamos chamando de transcodificação.

Participante: essa autonomia que você está colocando, ela já está acontecendo hoje em dia? Ou é uma perspectiva de futuro? Não consigo pensar uma autonomia radical assim.

Ainda não chegou, mas como diz o autor do Black Mirror, daqui a dez minutos a gente já está lá. Mas somos muito galinhas ainda, no bom sentido.

Participante: Dá uma certa nostalgia. Eu sou totalmente galinha. Eu nem consigo dá esse passo, no meu entendimento, todas as vezes que a gente fala disso, para mim é custoso.

Participante: quando ele diz do aprender jogos complexos, elas aprendem, já chegou, já se previu que vai chegar um nível em que a gente não acompanha mais o processo que elas estão aprendendo.

É isso que ele está falando, no Spotify é assim.

Participante: ela precisa de alguns indicadores iniciais.

Carla: me ocorre um exemplo bem simples, de conviver com criança e essa coisa do Spotify e que ao mesmo tempo você alimenta, e o Spotify te alimenta de coisas novas, mas de repente a criança entra lá e diz, a música que gosto sumiu. Não está mais lá, isso vira um ponto de frustração, vira um incomodo, é causa de desejo, a musica ter sumido, porque não é escolha mais da criança, sumiu, e ai ela vai fazer outra coisa para aprender o violão, para tocar a música, ela quer ouvir aquela música.

O que eu queria tentar é que tente pensar o que seria raciocinar num outro plano, mas começamos a ter vertigem, e a nossa clínica também não é feita nesse plano, a gente tem vislumbres, alguma coisa que parece que esse plano é necessário para a gente pensar muita coisa, da clínica, mas a base não é essa. Então, quando a gente começa nisso, você traz uma situação que é uma leitura alfabética, linear, desse plano, essa criança é linear, galinha. Uma criança que não seria galinha, o que eu posso imaginar é criança que não está nem ai. Pega a próxima, na semana que vem, a gente não faz isso com o Spotify, sumiu. Eu esqueço dela em meia hora, depois eu procuro, acabo não achando, a pessoa não vai sentir a falta da música que sumiu, se é que ela existe, é só para tentar dizer o que é a vida no leitor fictício, que tem a insônia ideal, e que é o leitor do Joyce, que é alguém que não está nem ai para a coisa que sumiu. É uma coisa que você está andando ali dentro, ou porque sumiu.

Participante: ai não vai ter mais angustia nesse mundo!

Isso eu não sei.

Rafael: o que metaforiza muito bem a passagem para esse outro regime de leitura-escrita, que me ocorreu, é o filme A Chegada. É a chegada de um ataque alienígena, justamente para tentar entender aquela lingua maluca, que não tem nada haver com a realidade, a maneira como se escreve, o código, e a cabeça dela é quebrada.

Esse filme veio na vertigem de uma leitura de alguma coisa que você não vai chegar em algum lugar, é uma roupagem.

Participante: ele introduz nesse filme uma coisa interessante também, a questão do tempo.

A ideia de uma presentificação, do nosso tempo está muito discutida na Sociologia, o tempo, se ele não é linear, como posso dizer se é tempo? Isso serve também para abrir para o nosso lado. E a psicanálise.

Participante: é como se a gente dissesse que o umbigo do sonho, no sentido de que não é inalcançável? O umbigo é só como um ponto cego.

Primeiro, vamos as ressalvas, ele não deixa de existir, no mínimo porque a gente está aqui, tem muita gente como a gente, nós estamos falando de um sentimento do caldo da cultura, e estamos pegando o que Lacan falou do psicótico, Joyce, uma série de outras coisas na tentativa de pegar essas coisas fora do nome do pai, e dizer “como seria se fosse”, esse é o nosso fim de mundo, o mundo da gente é um mundo ocidentado, mas é verdade, o que seria viver num espaço onde não há mais o umbigo do sonho?

E aí começamos a ver muitas semelhança com nosso mundo, ficamos um pouco assustado, ou com gente no nosso mundo, mas também poderia perguntar o que seria estar num coletivo, politicamente, sem, umbigo, porque no lugar do umbigo é se todo mundo acha que tem uma coisa que não sabe bem, vem alguém e fala “eu sei”, então vamos lá. Se todo mundo acha que o Google sabe, é muito difícil chegar um mestre e dizer “eu sei”, esse é o exemplo que você deu.

O mestre já fica difícil, depois como é que fica então? Vamos fazer a vontade da maioria, vamos fazer uma eleição. Então é a maioria que vai decidir, a maioria vai decidir uma vontade que temos a impressão que pode ser errada, porque tudo pode ser certo e pode ser errado. Então aparece essa ideia de fazer um consenso, o que falamos aqui, quando falamos das Ocupações, a ideia de você ali, localmente, encontrar um nome que represente, encontrar uma tarefa que se vá fazer, e fazer. Depois que acabar, acabou.

Participante: o populismo está aí!

Temos dois tipos de populismo, o populismo do Laclau, que é o do Alemán, da esquerda lacaniana, que é o que parece que na EOL fez muito sucesso e o populismo performático, o das Ocupações, é você chegar num grupo, vão conversando, porque nós somos os “x”, e vamos trabalhar como x, enquanto durar a força daquele nome e o sol brilhar e coligar traços é um coletivo, ele chama-se povo. O populismo como a gente chama, é o líder, o cara diz “venha porque eu sou a verdade”, aí é mais clássico, é a massa do Freud, é o líder do Freud.

Participante: nas tretas freudianas, parece que as coisas estão meio confundidas!

É por isso que estamos estudando aqui.

Participante: nessa crítica dos lacanianos contra o populismo, essa distinção não está tão clara assim.

Por isso que temos que lê, somos um coletivo, trabalhar, vamos acabar fazendo alguma coisa, não sei se somos um coletivo, podia não ser.

Participante: podemos pensar por exemplo que é meio paradoxal, que todo esse movimento e ao mesmo tempo paradoxalmente, um decrudescimento, um retrocesso, da política, das últimas eleições, um recrudescimento do totalitarismo por exemplo. Isso não poderia ser pensado como uma reação.

Voltando, primeiro a ideia do totalitarismo, de novo, temos que tomar cuidado com os nomes, tem dois populismo aí, depois a ideia de totalitarismo, depois para a ideia de mundo, depois para a ideia de política.

A ideia dos partidos, desse ponto de vista também, a principio poderia vir uma leitura de que partido não faz mais sentido, se formos no mundo do Google, o partido a principio é uma ideia e todo mundo atrás, uma ideologia e todo mundo atrás e o líder do partido é que representa a ideologia, se ele não representar ele cai ou muda, tudo isso é na base do líder, os partidos funcionariam segundo a lógica do líder.

Se estamos numa lógica da Internet, uma eleição pode ser ganha no partido, por exemplo aquele que surgiu há duas semanas, um sujeito de 39 anos, acontece assim, sem história, meio centrão. Em todos os lugares vemos esses efeitos, é difícil dizer que esse cara está no lugar do líder e que o partido dele representa alguma coisa. Tem uma ideologia, é outro tipo, é uma montagem que funcionou para dar um sentido a um absurdo naquele instante, pode ser lido assim, como Flusser, profeticamente está dizendo, é outro jeito de pensar, a política hoje, que se chama crise da representação, crise dos partidos nesse mundo, aí vem o Miller e fala: “então vamos fazer uma coisa, “psicanálise, sem partido”, aí começou a ficar difícil, temos que tomar todo o cuidado, porque Escola sem partido é outra coisa e a Escola com partido é uma Escola ideológica, Escola sem partido é uma escola ainda mais ideológica. Estamos falando de uma ideia de “será que é possível entrar numa discussão nossa, sem que ela seja uma discussão partidária”, isso eu não sei se é possível no Brasil. Vamos ver.

Participante: mas o analista político, o movimento que surgiu.

Uma análise política é criteriosa, traz um critério, é galinha, é isso mesmo, ele fala, ele adora, rebaixando os críticos, ele fala “os críticos é uma galinha, veio com um critério e lê”, os critérios saíram da cabeça dele, dos valores dele, aí é um analista político. Você está vindo com uma ideia que é linear, para uma situação que estamos tentando pensar não linear e aí vale lembrar, eu sempre insisto, talvez a nossa clínica não possa não ter linearidade. Há 30 anos Lacan falou que japonês não dava para fazer análise, se cabeça dele fosse assim, como fazer análise?

O totalitarismo, vai no sentido do “se o japonês precisa de formas, para se agarrar na hora em que você, você vê que poderia ser muita coisa e nem sabe quantas, e a cada encontro você pode ser diferente, isso a gente pode pular né: a ideia disso no sexo, nos amores, no poliamor. Todo lugar pode ser qualquer coisa, dá uma certa angústia, você se agarra em alguma coisa, o japonês está bem, porque ele se agarra na tradição, só que a tradição para ele não é igual a nossa, a tradição para nós é, uma bobagem que tenho que encontrar, ultrapassar, para encontrar meu verdadeiro ser, para esse caso aqui, a tradição é o

mínimo de coerência nessa vida, que preciso agarrar, se perder eu posso ser qualquer coisa, dá muita angústia.

O que faz a gente hoje? Agarrar qualquer coisa que pareça fixa, qualquer sentido do coletivo que esteja dando certo, que esteja fazendo as pessoas viverem, é um pouco a última moda, última discussão do Facebook. A gente fala, “as pessoas estão levando como se fosse a ferro e fogo”, é porque só tem aquilo num certo sentido, não tem uma discussão melhor? A não ser que você volte para a linearidade.

Participante: essa solução é sempre temporária.

Se é temporária não sei, se você pode se agarrar a algumas aparências, mais ou menos, estáveis na sua vida.

Participante: mais nós não temos, semblantes mais fixos, então vai ser temporários.

Pode ser, usando essa chave de leitura.

Participante: a psicanálise pode se tornar uma rede?

Entendo a proposta do Miler como a de “num mundo em que partido não faz sentido, mais tanto, ai talvez você consiga propor um debate não partidário, sem ser de escola de partido, porque no mundo em que a ideologia – tudo é ideologia no mundo – se você vem com uma ideia de não ideológico, isso é mais ideológico que tem, é puro pragmatismo sem teoria – é uma teoria, a do pragmatismo, do DSM por exemplo. Mas num mundo em que a coisa está mais doida, mas japonesa, talvez possa ter uma discussão que não seja recoberta pela ideologia de dois times, dois brigando, isso é uma aposta, fazendo essa rede.

Participante: estávamos falando numa ideia interessante, estávamos conversando aqui, falando de um japonês analisado.

A gente chama de análise, muita coisa que não é a análise do Oscar, o trabalho com psicótico, com criança, coisas clássicas que também saiu fora do regime linear, a gente chama de análise? A gente trabalha com eles, está ai a psicanálise, talvez a análise não seja a mais clássica. Mas vai deixar de chamar de psicanálise?

Agora, de qualquer maneira o que estamos fazendo não é isso! A gente volta atrás e diz, a gente tem o caso e acha que a pessoa está funcionando de maneira linear e passa para um regime não-linear, mantendo um pouco aquilo, essa é a ideia do Oscar com o “sueco”, a minha proposta é, o sonho com o sueco, é japonês. Agora, temos que ver se vocês concordam.

Parece muito ocidental o sonho do sueco, mas é, a a ideia é se a gente acompanha a história dele, o que acontece naquele sonho é uma construção de alguma coisa, artefato, que inclui o nome que ele dá no final, su-eco. Ele é quem faz, no começo o analista, pela intervenção, pelo corte produz o *asco-nasço*. Tem o cara que cai, ele fala, “é o seu eco”, o su-eco. Esse nome do sueco vem dele. Pode-se pensar que esse nome resolveu e que vai durar um tempo também, dizer que ali, tem uma operação, talvez no regime que não da fantasia. Está dentro da análise, mas na verdade também, acabou a análise, operação que o faz sair da análise.

Nas análises clássicas, você só vislumbra esse horizonte japonês, no horizonte final? Vislumbra não, porque você vislumbra o tempo todo, só se move nesse horizonte ou faz alguma coisa nesse horizonte no final. Nas análises pós-modernas, não sei, talvez seja no começo. Nos coletivos pós modernos, se não for ai, é no coletivo, por exemplo, como é que essas pessoas se juntam se elas não acreditam em partido. Não é acreditar porque é contra, eu só quero sair na rua e levar um cartaz, como faz no coletivo, coloca a a palavra de ordem, porque reagir a essa palavra de ordem, vale.

Participante: naquele livro-filme, “A chegada”, eles contam que os Ets eles não conseguem pegar a nossa matemática básica, a simples, mas que quando você consegue apresentar conceitos, coisas muito mais complexas, eles pegam de cara.

Só que o Flusser, chama isso de Jardim da Infância. Você fazer conexões de várias coisas, montar negócio e fazer ele funcionar, é muito diferente de você pensar uma coisa que vem depois da outra, que está todos pensando sobre aquilo, pensar como é que anda. Ele diz que isso é um trabalho de tempo, ele chama de jardim de infância, no sentido de que não precisa desse trabalho todo, para fazer isso.

Para jogar buraco, criança joga e faz, a gente não precisa disso, muita cultura ou leitura para jogar, é isso que ele chama de jardim da infância.

Ai vem o lado, não pessimista, mas talvez um pouco passadista dele, mas para quem vive nesse vai e vem, é emocionante pensar que é isto, “nós somos fósseis, o dinossauro que vamos ter que aprender, não porque a gente acha bom, mas porque se não aprender a gente fica fora do mundo, e se você não aprender fica fora do mundo”.

Eu me lembro do tempo que começou a Internet, e o samba do Bezerra da Silva era “vou acessar, mas não vou aprender agora”, porque você ainda ia acessar, mas não aprender agora. Não tem mais isso: acessar e aprender, ou você está dentro ou você está fora e o dentro é o jardim da infância. Não precisa da cultura, a cultura atrapalha, a cultura está lá, não precisa estar em você.

Participante: se não acessar o Facebook não aprende.

¹ Cf. Miller, J. A. Ler o sintoma.

² Malabou. C.

³ Flusser, Vilém. A Escrita. Há futuro para a escrita? 2010. Anablume.

⁴ Idem. *Bodenlos*: 2015. Editora Annablume.

⁵ Cf. Milner, J. C. A obra Clara, Rio de Janeiro, JZE, 1997.

⁶ Filosofia_da_Caixa_Preta.pdf Quando você diz “zera e começa tudo”, parece um pouco mais radical do que isso, mas ao mesmo tempo tem esses efeitos, partes que falam assim “a partir dali, nada mais era do que era antes”, mas tudo estava lá. Este corte é um pouco menos evidente.

⁷ Ander, G. *L'obsolescence de l'homme*, p. 110 apud Baas, B.

⁸O Flusser tem um livro chamado Gestos:

https://monoskop.org/File:Flusser_Vilem_Los_gestos_Fenomenologia_y_comunicacion.pdf

FLUSSER, Vilém. *Gestos*. Editora Harder. Barcelona. 1994..

file:///C:/Users/cidam/Documents/2017%20CIDA%20MALVEIRA/VILÉM%20FLUSSER/Flusser_Vilem_Los_gestos_Fenomenologia_y_comunicacion.pdf